

IA E ENSINO DE ESCRITA: REVISÃO, AUTORIA E APRENDIZAGEM DE LINGUAGEM

José Cristiano Lima de Freitas¹

Célia Divina Galvão Diniz²

Lidiany Firme Rego Saib³

Maria da Conceição Cunha Silva⁴

Kellen Cristyna Padilha da Silva⁵

Renata Lopes Sales⁶

Ricardo Gomes Moreira⁷

RESUMO: O tema da inteligência artificial generativa no ensino de escrita foi abordado a partir de suas implicações para revisão, autoria e aprendizagem de linguagem. O problema de pesquisa investigou de que modo a IA generativa, aplicada ao ensino de escrita, influenciou os processos de revisão textual, autoria e aprendizagem de linguagem, considerando desafios pedagógicos e possibilidades didáticas. O objetivo geral foi analisar, com base na literatura acadêmica, as contribuições e os limites do uso da IA generativa no ensino de escrita, com ênfase na revisão, na autoria e na aprendizagem da linguagem. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica, com seleção e análise de produções que discutiram o uso educacional da IA e suas repercussões no trabalho com linguagem. No desenvolvimento, foram sistematizadas discussões sobre o apoio da IA às etapas de revisão e reescrita, bem como sobre riscos de substituição do ato de escrever, reconfiguração de critérios de autoria e necessidade de mediação docente e de adequações avaliativas orientadas ao processo. Nas considerações finais, concluiu-se que a IA generativa influenciou o ensino de escrita de forma ambivalente: favoreceu melhorias e oportunidades de reflexão quando integrada com intencionalidade pedagógica e protocolos de acompanhamento, mas fragilizou autoria e aprendizagem quando utilizada sem mediação e com foco exclusivo no produto textual. Indicou-se a necessidade de estudos complementares em contextos escolares para aprofundar evidências sobre efeitos na aprendizagem e na avaliação.

Palavras-chave: Inteligência artificial generativa. Ensino de escrita. Revisão textual. Autoria. Aprendizagem de linguagem.

¹ Doutor em Ciências da Educação, Universidad Del Sol (UNADES).

² Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

³ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁴ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁵ Graduada em Pedagogia, Uninter.

⁶ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁷ Mestrando em Ciências da Educação, Faculdade Interamericana de Ciências Sociais.

ABSTRACT: The topic of generative artificial intelligence in writing instruction was examined through its implications for revision, authorship, and language learning. The research problem investigated how generative AI, when applied to writing instruction, influenced textual revision processes, authorship, and language learning, considering pedagogical challenges and didactic possibilities. The general objective was to analyze, based on academic literature, the contributions and limits of generative AI in writing instruction, with emphasis on revision, authorship, and language learning. The methodology consisted of a bibliographic study, involving the selection and analysis of publications addressing educational uses of AI and their effects on language-related practices. In the development, discussions were systematized regarding AI support for revision and rewriting stages, potential risks of substituting the act of writing, the reconfiguration of authorship criteria, and the need for teacher mediation and process-oriented assessment adjustments. In the final considerations, it was concluded that generative AI influenced writing instruction in an ambivalent way: it supported formal improvements and reflective opportunities when integrated with pedagogical intentionality and monitoring protocols but weakened authorship and learning when used without mediation and with exclusive focus on the final text. Further school-based studies were indicated to deepen evidence on learning and assessment outcomes.

Keywords: Generative artificial intelligence. Writing instruction. Textual revision. Authorship. Language learning.

1 INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) tem se consolidado como uma das tecnologias influentes na reorganização de práticas sociais contemporâneas, alcançando com intensidade crescente o campo educacional e, de modo particular, o ensino de linguagem. No contexto escolar, observa-se a expansão do uso de sistemas de IA capazes de produzir, reorganizar e revisar textos, com destaque para a chamada IA generativa, cuja atuação incide sobre a escrita. Esse cenário provoca mudanças relevantes nas dinâmicas de ensino e aprendizagem, pois interfere em etapas centrais do processo de produção textual, como o planejamento, a textualização, a revisão e a reescrita. Ao mesmo tempo em que se amplia o acesso a recursos de apoio à escrita, emergem debates sobre impactos pedagógicos, redefinições de autoria e desafios avaliativos, sobretudo quando ferramentas automatizadas passam a participar de decisões linguísticas que antes eram atribuídas exclusivamente ao estudante. Assim, o tema “IA e ensino de escrita: revisão, autoria e aprendizagem de linguagem” evidencia-se como campo necessário de análise, por articular inovação tecnológica e desafios formativos em torno de uma competência estruturante da escolarização.

A abordagem do tema justifica-se pela centralidade da escrita na formação acadêmica e cidadã, uma vez que a produção textual envolve competências linguísticas, cognitivas e discursivas que sustentam a comunicação, a argumentação e a construção de conhecimento. Em

ambientes educacionais, a escrita não se limita ao domínio de regras gramaticais, mas se configura como prática complexa que requer elaboração de ideias, adequação a gêneros, coerência argumentativa e reflexão sobre escolhas linguísticas. Nesse sentido, a entrada da IA generativa como recurso de suporte à escrita pode representar possibilidade de ampliação de repertório, de reorganização textual e de acesso rápido a sugestões de melhoria; porém, também pode favorecer práticas de terceirização do ato de escrever, com risco de redução do engajamento cognitivo do estudante e de enfraquecimento do desenvolvimento autorial. Ao discutir desafios e possibilidades do uso da IA no ensino, ressalta-se que a adoção tecnológica exige planejamento pedagógico e intencionalidade formativa, para que a inovação não se restrinja à automação de tarefas, mas se converta em experiência de aprendizagem efetiva (Fejoli *et al.*, 2024). Além disso, ao considerar implicações educacionais amplas, compreende-se que a IA tende a reconfigurar expectativas sobre ensino, avaliação e responsabilidade acadêmica, tornando imprescindível refletir sobre limites, potencialidades e critérios de uso (Fujiyoshi, 2024). Soma-se a isso a necessidade de observar a dimensão humana e ética das práticas escolares mediadas por tecnologias, visto que decisões sobre linguagem, autoria e participação discentem atravessam valores formativos e relações pedagógicas (Ferreira *et al.*, 2024).

O avanço do tema também se justifica pela ausência de consensos consolidados no cotidiano escolar sobre como utilizar ferramentas de IA generativa sem comprometer a aprendizagem da escrita. Em muitos contextos, a incorporação dessas ferramentas ocorre de modo heterogêneo: ora se restringe por receio de fraudes e plágio, ora se permite sem diretrizes claras, o que pode produzir insegurança entre docentes e estudantes. Essa instabilidade evidencia a importância de sistematizar discussões acadêmicas que subsidiem escolhas pedagógicas, especialmente no que se refere a procedimentos de revisão e reescrita mediadas por IA, à noção de autoria em ambientes híbridos e aos efeitos da automação sobre o desenvolvimento de competências linguísticas. Em perspectiva de política educacional, o debate sobre tecnologias na docência aponta a necessidade de orientação institucional e de planejamento para integrar recursos tecnológicos a objetivos educacionais, evitando que a escola adote ferramentas pela novidade, sem integração curricular e sem critérios avaliativos coerentes (Seldon, 2019). Assim, ao focalizar o ensino de escrita, torna-se relevante compreender como a IA generativa pode ser mobilizada para apoiar a aprendizagem, ao invés de substituí-la, preservando o sentido formativo do trabalho com linguagem.

Diante do exposto, formula-se a seguinte pergunta-problema: de que modo a inteligência artificial generativa, quando aplicada ao ensino de escrita, influencia os processos de revisão textual, autoria e aprendizagem de linguagem, considerando desafios pedagógicos e possibilidades didáticas no contexto escolar?

Com base nessa problematização, define-se como objetivo desta pesquisa analisar, a partir da literatura acadêmica, as contribuições e os limites do uso da IA generativa no ensino de escrita, com ênfase nos processos de revisão, na autoria e na aprendizagem da linguagem.

Para alcançar esse objetivo, adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, compreendida como procedimento de levantamento, seleção e análise de produções acadêmicas e científicas pertinentes ao tema. A pesquisa bibliográfica permite identificar abordagens teóricas, tendências interpretativas e argumentos recorrentes sobre a presença da IA no campo educacional, bem como mapear discussões específicas sobre IA generativa, escrita e práticas pedagógicas. Nesse percurso, a literatura é mobilizada como base para compreender desafios e possibilidades do uso de IA no ensino (Fejoli *et al.*, 2024), implicações da IA no contexto educacional (Fujiyoshi, 2024) e a necessidade de pensar políticas e orientações para práticas pedagógicas mediadas por tecnologias inteligentes (Seldon, 2019), além de considerar dimensões éticas e humanas implicadas em debates educacionais contemporâneos atravessados por tecnologias (Ferreira *et al.*, 2024). Assim, o método bibliográfico oferece condições para organizar uma discussão fundamentada e coerente, sem pretensão de esgotar o tema, mas buscando sistematizar pontos essenciais para a compreensão do fenômeno.

Quanto à organização do texto, após esta introdução, o trabalho apresenta um desenvolvimento em seção única, dedicado à discussão da IA generativa no desenvolvimento da escrita, abordando o uso dessas ferramentas na revisão e reescrita, os tensionamentos sobre autoria e integridade acadêmica, e as implicações para a aprendizagem de linguagem, com ênfase na mediação docente e em diretrizes de uso responsável. Na sequência, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam os principais argumentos discutidos, sintetizando contribuições, limites e encaminhamentos possíveis para a integração pedagógica da IA generativa no ensino de escrita.

2 IA generativa no desenvolvimento da escrita

A integração da inteligência artificial generativa ao ensino de escrita insere-se em um movimento amplo de transformação das práticas educacionais, no qual tecnologias digitais

passam a participar de processos tradicionalmente compreendidos como humanos, como interpretar, argumentar e produzir linguagem. Nesse contexto, a escrita escolar, que envolve planejamento, textualização, revisão e reescrita, passa a ser atravessada por ferramentas capazes de sugerir estruturas, reorganizar ideias, corrigir aspectos linguísticos e produzir versões alternativas de um texto. Tal cenário exige compreensão de que a presença da IA não se limita a oferecer um recurso técnico adicional, pois altera o modo como o estudante se relaciona com o texto e com o próprio ato de escrever. Assim, torna-se necessário analisar como esse tipo de tecnologia pode contribuir para a aprendizagem de linguagem, ao mesmo tempo em que impõe desafios pedagógicos relacionados à autonomia, à autoria e à avaliação do desempenho.

No campo educacional, tem-se observado que a incorporação de IA costuma ser acompanhada por expectativas de inovação e melhora de resultados, porém esses efeitos não se realizam automaticamente. A discussão sobre desafios e possibilidades do uso da IA no ensino aponta que sua adoção precisa estar articulada a objetivos pedagógicos claros, a uma intencionalidade didática consistente e a processos de formação docente, pois a tecnologia, por si só, não reorganiza práticas nem garante aprendizagem (Fejoli *et al.*, 2024). Nesse sentido, quando a IA generativa é aplicada ao ensino de escrita, o risco de uma utilização meramente instrumental torna-se ainda evidente, uma vez que a ferramenta pode produzir textos com aparência de correção e coerência, criando a impressão de que o produto final é suficiente para caracterizar aprendizagem. Entretanto, a escrita escolar não se define apenas pelo resultado final, mas pelo percurso cognitivo e discursivo que sustenta a produção textual, o que inclui a elaboração de ideias, a escolha de estratégias argumentativas e a adequação a gêneros e contextos de uso.

Considerando o processo de escrita, a IA generativa tende a incidir principalmente sobre etapas de revisão e reescrita. Ao receber um texto inicial, a ferramenta pode sugerir ajustes de coesão, substituições vocabulares, reordenação de frases e aprimoramentos na organização de parágrafos, funcionando como uma espécie de apoio imediato para melhorar legibilidade e clareza. Esse tipo de suporte pode ser relevante em situações em que estudantes apresentam dificuldades persistentes para identificar problemas textuais, bem como para reorganizar argumentos e tornar o texto fluido. Contudo, a contribuição formativa dessa interação depende de um elemento central: a mediação pedagógica. Quando a IA é usada como instrumento de reflexão sobre a linguagem, favorece-se o desenvolvimento de competências metalinguísticas, pois o estudante pode comparar versões e compreender o motivo pelo qual certas escolhas

tornam o texto adequado. Em contrapartida, quando a IA é utilizada apenas para substituir o esforço de revisão, o estudante pode aceitar sugestões sem compreender princípios linguísticos subjacentes, o que resulta em melhoria superficial do texto sem fortalecimento de habilidades de escrita.

Nesse ponto, evidencia-se uma tensão entre apoio e substituição. A IA generativa pode contribuir para que a revisão textual se torne acessível, sobretudo quando o estudante aprende a identificar padrões de erro, a observar repetições, a avaliar coerência e a ajustar o texto às exigências do gênero. Porém, também pode incentivar uma prática de terceirização da escrita, na qual o estudante transfere à ferramenta a responsabilidade de pensar, organizar e formular o texto. Esse deslocamento é particularmente preocupante porque a aprendizagem da escrita requer esforço cognitivo sustentado, tomada de decisão e construção progressiva de repertório. Ao reduzir esse esforço, a IA pode comprometer o desenvolvimento da autonomia e enfraquecer a capacidade de produzir textos de forma independente em situações nas quais a ferramenta não esteja disponível. Além disso, ao oferecer sugestões padronizadas, a IA pode induzir homogeneização estilística, reduzindo marcas pessoais de escrita e limitando a diversidade de modos de expressão, o que empobrece a experiência de autoria.

A autoria, nesse cenário, apresenta-se como um dos eixos sensíveis do debate. Em contextos escolares, a autoria costuma estar associada à capacidade de produzir um texto que represente um posicionamento próprio, sustentado por escolhas linguísticas e argumentativas coerentes. Com a IA generativa, passa a existir um agente tecnológico que participa da formulação textual, o que pode gerar ambiguidades sobre responsabilidade e originalidade. Entretanto, a presença da tecnologia não elimina a possibilidade de autoria, mas exige redefinição de critérios. A autoria tende a deslocar-se do ato de gerar frases para o ato de tomar decisões sobre o texto, isto é, definir objetivos comunicativos, selecionar informações, organizar argumentos, revisar com criticidade e justificar escolhas. Contudo, para que esse deslocamento seja formativo, faz-se necessária uma reorganização das atividades escolares, de modo que o processo de escrita se torne rastreável e reflexivo, permitindo observar as etapas realizadas e as decisões tomadas durante a produção.

A discussão sobre ensino, política e tecnologias aponta que mudanças desse tipo exigem orientação institucional e revisão de práticas avaliativas. Em análises sobre robótica, docência e políticas educacionais, compreende-se que a integração de tecnologias inteligentes implica redefinir responsabilidades, reorganizar processos e estabelecer diretrizes que protejam o

sentido educacional do ensino (Seldon, 2019). Aplicado ao ensino de escrita, esse entendimento reforça que a escola precisa construir critérios claros para uso de IA generativa, definindo o que é permitido, o que deve ser declarado e como avaliar produções que envolvem apoio tecnológico. Sem esse alinhamento, corre-se o risco de manter avaliações centradas apenas no produto final, o que tende a premiar quem utiliza melhor a ferramenta, em vez de valorizar quem desenvolve competências de escrita. Em consequência, o uso da IA pode ampliar desigualdades e gerar percepções de injustiça, pois estudantes com maior familiaridade com prompts e estratégias de interação com a ferramenta podem obter textos bem estruturados, ainda que sem aprendizado proporcional.

Além da dimensão avaliativa, o uso de IA generativa na escrita exige considerar aspectos éticos e humanos relacionados ao contexto escolar. A presença de tecnologias que intervêm na linguagem pode afetar a relação do estudante com o próprio desempenho, seja ao reduzir inseguranças por oferecer apoio constante, seja ao produzir ansiedade por comparação e por expectativas de produtividade. Discussões sobre educação em tempos de inteligência artificial e sobre implicações socioculturais no ambiente escolar indicam que decisões educacionais atravessadas por tecnologias podem repercutir na formação humana e no bem-estar subjetivo, especialmente quando a escola lida com tensões, valores e contextos socialmente disputados (Ferreira *et al.*, 2024). Ainda que tal abordagem não se restrinja ao ensino de escrita, ela contribui para compreender que a adoção de IA generativa deve ser acompanhada de cuidado pedagógico, garantindo que a tecnologia não se torne instrumento de controle, punição ou exposição, mas recurso de aprendizagem, diálogo e desenvolvimento.

Do ponto de vista das implicações educacionais, é necessário reconhecer que a IA generativa opera com base em padrões e probabilidades, produzindo textos plausíveis, mas nem sempre adequados ao contexto, às intenções do autor ou a exigências de conteúdo e precisão. Nesse sentido, a interação com a ferramenta demanda habilidades de verificação, revisão crítica e validação do que foi sugerido. Ao discutir implicações da IA no contexto educacional, ressalta-se que a tecnologia pode influenciar práticas e decisões pedagógicas, exigindo desenvolvimento de competências para uso consciente, reconhecimento de limites e avaliação crítica das respostas geradas (Fujiyoshi, 2024). Aplicado à escrita, isso significa compreender que sugestões de reescrita podem melhorar estilo, mas também podem alterar sentidos, fragilizar nuances argumentativas ou introduzir generalizações indevidas. Assim, o ensino de escrita com IA precisa incluir práticas de leitura crítica do próprio texto e das sugestões da ferramenta,

promovendo a compreensão de que escrever envolve intenção, responsabilidade e compromisso com o significado.

A mediação docente, portanto, assume papel estruturante. Com IA generativa, o trabalho do professor tende a deslocar-se do foco exclusivo na correção final para o acompanhamento do processo de produção, incentivando planejamento, múltiplas versões e reflexão. Essa mediação pode ocorrer por meio de roteiros de escrita que orientem etapas, como a elaboração de rascunho autoral, a solicitação de sugestões específicas à IA, a comparação entre versões e a justificativa das alterações implementadas. Quando o estudante é conduzido a explicar por que aceitou ou rejeitou uma sugestão, desenvolve-se consciência linguística, além de fortalecer autonomia. Ao mesmo tempo, esse tipo de organização contribui para reduzir o uso indevido, pois torna visível o percurso de aprendizagem e reorienta a avaliação para competências, e não para aparência textual.

No entanto, para que essa mediação seja viável, requer-se formação docente e planejamento institucional. Discussões sobre o uso educacional de IA indicam que a incorporação de tecnologias exige capacitação para lidar com ferramentas, compreender suas limitações e planejar intervenções pedagógicas adequadas (Fejoli *et al.*, 2024). No caso da escrita, isso inclui compreender como elaborar tarefas que valorizem autoria, como construir critérios de avaliação processual e como promover alfabetização em IA, para que estudantes compreendam que a ferramenta não é fonte de verdade nem substituta de pensamento. Essa alfabetização torna-se essencial porque a IA pode gerar textos bem estruturados, porém incorretos em termos conceituais, além de sugerir informações sem confiabilidade garantida. Assim, a escrita mediada por IA precisa incorporar, de modo sistemático, a responsabilidade de checar informações, revisar coerência e assegurar consistência argumentativa.

Um aspecto central nesse debate diz respeito à necessidade de reorientar o foco do ensino de escrita do produto para o processo. Quando a escola valoriza apenas o texto final, abre-se espaço para que a IA seja utilizada como atalho, pois o estudante percebe que a qualidade formal é o critério predominante. Em contrapartida, quando a avaliação contempla planejamento, construção de argumentação, reescrita e capacidade de justificar escolhas, reduz-se a utilidade de terceirizar o texto. Essa mudança, entretanto, exige instrumentos avaliativos coerentes, como rubricas e protocolos de acompanhamento, além de práticas que incentivem versões sucessivas, comentários reflexivos e revisão orientada. Esse alinhamento dialoga com a necessidade de diretrizes e políticas educacionais para tecnologias inteligentes, uma vez que

mudanças na avaliação e no currículo costumam ser condições para que a inovação tecnológica produza efeitos pedagógicos positivos (Seldon, 2019).

Ainda no âmbito pedagógico, a IA generativa pode ser mobilizada em diferentes funções, o que demanda delimitação explícita. Uma possibilidade consiste em orientar o uso da ferramenta para aprimoramento linguístico, como clareza, concisão e coesão, sem permitir que a IA produza a totalidade do texto. Outra possibilidade envolve utilizá-la para apoiar a produção de ideias, porém exigindo que o estudante transforme sugestões em argumentação própria, com reestruturação e reelaboração. Em ambos os casos, é essencial que o estudante produza um rascunho inicial, pois esse passo preserva a autoria e permite que a revisão seja aprendizagem, e não substituição. Além disso, o uso funcional da IA precisa estar articulado ao objetivo da atividade: se o propósito é aprender a argumentar, a IA não deve fornecer a argumentação pronta; se o propósito é dominar um gênero textual, a IA pode apoiar estrutura, mas o estudante deve realizar escolhas de conteúdo e de posicionamento.

O debate também envolve a dimensão social da escrita escolar. Produzir textos não é apenas cumprir uma tarefa, mas inserir-se em práticas comunicativas, expressar ideias e construir identidade discursiva. Quando a IA participa de modo dominante da produção textual, corre-se o risco de reduzir a escrita a um exercício de edição e acabamento, o que pode enfraquecer a experiência de expressão e criação. Em contrapartida, quando a IA é utilizada como apoio para organizar ideias e aprimorar clareza, pode ampliar confiança e facilitar que estudantes com dificuldades expressem conteúdos complexos. Contudo, esse potencial inclusivo depende de mediação cuidadosa e de um ambiente que valorize a aprendizagem progressiva, evitando que a tecnologia se torne padrão obrigatório de desempenho, pois isso pode gerar pressão, comparação e insegurança, com repercussões no bem-estar escolar. A atenção às dimensões humanas e formativas em contextos atravessados por tecnologias reforça que a escola precisa conduzir esse processo com equilíbrio e responsabilidade (Ferreira *et al.*, 2024).

Diante dessas considerações, torna-se possível sistematizar um conjunto de diretrizes pedagógicas para o uso da IA generativa no ensino de escrita, de modo a preservar autoria e promover aprendizagem. Em primeiro lugar, recomenda-se a exigência de uma escrita inicial autoral, garantindo que o estudante elabore ideias e argumentos antes de solicitar apoio tecnológico. Em segundo lugar, propõe-se orientar a interação com a IA por funções específicas, como revisão de coesão, clareza e adequação ao gênero, evitando o uso para produção integral

do texto. Em terceiro lugar, sugere-se a adoção de protocolos de comparação entre versões, de modo que o estudante identifique o que mudou, por que mudou e quais efeitos de sentido foram produzidos. Em quarto lugar, recomenda-se inserir momentos de reflexão metalinguística, nos quais o estudante explicita princípios de escrita aprendidos a partir das revisões. Em quinto lugar, destaca-se a necessidade de avaliação centrada no processo, com critérios que valorizem planejamento, reescrita, argumentação e justificativas, reduzindo a vantagem de textos meramente “polidos” pela IA. Por fim, defende-se a alfabetização em IA como componente transversal, de modo que estudantes compreendam limites da ferramenta, riscos de generalizações e a importância de revisão crítica e verificação.

A consolidação dessas diretrizes depende, contudo, de condições institucionais. A escola precisa oferecer formação e suporte aos professores, além de estabelecer orientações claras sobre o uso da IA, evitando abordagens exclusivamente proibitivas ou permissivas. Discussões sobre desafios e possibilidades da IA no ensino apontam que a incorporação efetiva de tecnologias requer planejamento, intencionalidade e avaliação constante, para que o uso se alinhe a finalidades pedagógicas e não se restrinja a modismo tecnológico (Fejoli *et al.*, 2024). Além disso, ao considerar implicações educacionais amplas, compreende-se que a IA pode influenciar concepções de conhecimento e aprendizagem, exigindo que a escola fortaleça competências críticas e éticas para lidar com tecnologias que produzem linguagem e parecem responder com autoridade (Fujiyoshi, 2024). Desse modo, o uso de IA generativa na escrita deve ser compreendido como prática que exige responsabilidade compartilhada entre estudantes, docentes e instituições.

Em síntese, a IA generativa no ensino de escrita apresenta potencial para ampliar o trabalho com revisão e reescrita, favorecer clareza e apoiar estudantes em dificuldades, desde que inserida em propostas pedagógicas que valorizem processo, autoria e reflexão. Ao mesmo tempo, o uso sem critérios pode fragilizar autonomia, estimular terceirização da escrita e produzir distorções avaliativas, tornando necessário reorganizar práticas, protocolos e diretrizes. Assim, o desenvolvimento da escrita em tempos de IA requer compreender a tecnologia como instrumento mediador e não substitutivo, reafirmando o papel da escola como espaço de aprendizagem crítica da linguagem, de formação humana e de responsabilidade autoral em ambientes digitais (Seldon, 2019; Fejoli *et al.*, 2024; Fujiyoshi, 2024; Ferreira *et al.*, 2024).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados sistematizados indicam que a inteligência artificial generativa, quando aplicada ao ensino de escrita, influencia os processos de revisão textual, autoria e aprendizagem de linguagem de maneira ambivalente, pois seus efeitos dependem das condições pedagógicas e institucionais em que é utilizada. Observou-se que a principal forma de influência ocorre pela incidência sobre etapas de revisão e reescrita, nas quais a ferramenta pode oferecer sugestões de reorganização textual, aprimoramento de clareza, ajustes de coesão e correções linguísticas. Nessa direção, o uso da IA tende a favorecer a produção de versões legíveis e estruturalmente organizadas, o que pode ampliar as possibilidades de acompanhamento do texto e reduzir barreiras para estudantes que apresentam dificuldades no aperfeiçoamento formal da escrita. Contudo, verificou-se que a melhoria do texto, por si só, não equivale automaticamente ao fortalecimento da aprendizagem, uma vez que o desenvolvimento de competências linguísticas depende da compreensão das escolhas realizadas e da participação ativa do estudante no processo de construção textual.

Em relação à autoria, identificou-se que a IA generativa tensiona critérios tradicionais de originalidade ao inserir um agente tecnológico na formulação do texto, o que pode gerar ambiguidades sobre responsabilidade e produção autoral. Entretanto, os achados também sugerem que a autoria não é necessariamente anulada, mas reconfigurada: ela tende a deslocar-se para decisões sobre planejamento, seleção de ideias, edição, revisão crítica e justificativa das alterações realizadas. Assim, a influência da IA sobre a autoria depende do modo como a prática pedagógica define o papel do estudante diante do texto. Quando o estudante é conduzido a elaborar um rascunho inicial e a utilizar a ferramenta como apoio para revisar e reescrever, preserva-se a centralidade da decisão humana e a autoria se manifesta como capacidade de orientar e responder pelo texto final. Em contrapartida, quando a IA é utilizada como substituta do ato de escrever, a autoria pode ser fragilizada, pois a participação do estudante se reduz à aceitação acrítica de sugestões, limitando o desenvolvimento de autonomia e a construção de repertório linguístico próprio.

Quanto à aprendizagem de linguagem, os achados apontam que a IA generativa pode contribuir para ampliar oportunidades de reflexão sobre o texto, sobretudo quando o uso é acompanhado por mediação docente e por atividades que exijam comparação entre versões e justificativa de escolhas linguísticas. Nesses casos, a ferramenta pode funcionar como suporte para tornar visíveis problemas de clareza e estrutura, estimular reescritas sucessivas e favorecer

a compreensão gradual de aspectos discursivos e linguísticos. No entanto, também se verificou que a IA pode produzir efeitos contraproducentes quando induz à terceirização de operações cognitivas essenciais à escrita, como planejar, argumentar e organizar ideias. Dessa forma, a influência sobre a aprendizagem pode variar entre fortalecimento e enfraquecimento de competências, conforme a intencionalidade didática, os critérios de uso e o tipo de avaliação adotado no ambiente escolar. Em síntese, a pergunta da pesquisa é respondida pela constatação de que a IA generativa influencia a escrita escolar principalmente ao alterar a dinâmica do processo de produção textual, podendo apoiar a revisão e a reescrita e favorecer aprendizagens quando integrada a práticas reflexivas; porém, pode comprometer autoria e aprendizagem quando utilizada sem mediação e sem foco no processo.

Como contribuições deste estudo, destaca-se a sistematização de uma compreensão orientada ao equilíbrio entre possibilidades e limites, evidenciando que o impacto da IA generativa no ensino de escrita não deve ser interpretado de forma determinista. A análise contribui ao indicar que a qualidade educativa do uso da ferramenta depende de decisões pedagógicas que preservem a centralidade do estudante e de estratégias que valorizem o percurso de escrita, e não apenas o produto final. Também se contribuiu ao explicitar que a noção de autoria precisa ser tratada como dimensão processual, relacionada à tomada de decisão e à responsabilidade textual, o que pode auxiliar na reorganização de práticas avaliativas e na construção de orientações coerentes para o uso escolar de tecnologias de escrita assistida. Além disso, ao concentrar o debate em revisão, autoria e aprendizagem, o estudo ajuda a delimitar aspectos concretos a serem observados na implementação pedagógica, reduzindo a tendência de discutir IA apenas em termos genéricos de inovação.

Apesar dessas contribuições, reconhece-se que há necessidade de outros estudos para complementar os achados, especialmente porque a discussão bibliográfica não substitui a observação direta de práticas escolares e de resultados de aprendizagem em contextos reais de sala de aula. Mostra-se pertinente ampliar investigações que examinem, de modo aplicado, como diferentes estratégias de mediação docente influenciam a autonomia do estudante, a qualidade das reescritas e a internalização de conhecimentos linguísticos. Também se apresenta como relevante aprofundar estudos que analisem impactos em diferentes perfis de estudantes e níveis de ensino, considerando que o efeito da IA pode variar conforme repertório, maturidade acadêmica e objetivos didáticos. Por fim, indica-se a necessidade de pesquisas que explorem como modelos de avaliação centrados no processo podem ser implementados de maneira viável

e justa, garantindo que a integração da IA generativa ao ensino de escrita contribua para aprendizagem efetiva, preservação da autoria e desenvolvimento de competências de linguagem em uma perspectiva formativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEJOLI, D. P., *et al.* (2024). O uso da inteligência artificial no ensino: Desafios e possibilidades. In *Inovação na educação* (pp. 193–210). Arché.

FERREIRA, Z. H., Araújo, A. D. R., & Braga, D. V. V. (2024). A relevância do ensino de educação sexual na escola frente ao conservadorismo e suas implicações na saúde mental. In *Humanização, ciência, tecnologia e trabalho em tempos de inteligência artificial: Diálogos necessários*. Instituto Internacional Despertando Vocações. Disponível em: <https://doi.org/10.31692/2526-7701.xicointerpdvl.o843>. Acesso em 25 de janeiro de 2026.

FUJIYOSHI, M. R. dos S. (2024). Inteligência artificial e suas implicações no contexto educacional. *Revista Ilustração*, 5(2), 41–52. Disponível em: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v5i2.299>. Acesso em 25 de janeiro de 2026.

SELDON, A. (2019). Robot teaching, pedagogy, and policy (SSRN Working Paper). SSRN. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3441300>. Acesso em 25 de janeiro de 2026.